



Associação Propagadora Esdeva
 Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF
 Curso de Psicologia
 Artigo

OS CAMINHOS DE UMA LIGA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

Lara Brum de Calais¹

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Oetsia Vargas Smits²

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Marina Menezes Ferreira³

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Larissa Batista da Silva⁴

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Laura Fernandes Martins⁵

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Vitória Barbosa Mancini⁶

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Linha de Pesquisa: Psicologia e relações sociais, comunitárias e políticas

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar experiências e atividades realizadas pela Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária - LAÇO, seu fortalecimento enquanto projeto de pesquisa e extensão e sua aproximação com a realidade social

¹ Docente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Orientadora.

² Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF.
 Endereço: oetsia@gmail.com

³ Psicóloga, formada pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. Endereço:
 marinamenezes1@outlook.com

⁴ Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF.
 Endereço: larissabatistajf@hotmail.com

⁵ Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF.
 Endereço: laurafm.jf@hotmail.com

⁶ Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF.
 Endereço: vitoria.mancini@hotmail.com

do município de Juiz de Fora/MG. A Laço pauta sua atuação na construção coletiva de práticas, tendo como proposição uma formação voltada para a emancipação e autonomia dos discentes. A discussão parte do arcabouço teórico da Psicologia Social e Comunitária, através de uma perspectiva crítica, refletida nas ações desenvolvidas pela liga. Por meio de um relato de experiência, serão abordados os movimentos da Laço em direção à aproximação do poder público, dos movimentos sociais da cidade e seu fortalecimento dentro da própria instituição de ensino, sendo possível assim, refletir sobre o compromisso ético-político da formação em Psicologia, pautadas na importância da ponte entre academia,, comunidade e políticas públicas.

Palavras-chave: Psicologia Social e Comunitária. Liga acadêmica. Extensão. Emancipação.

ABSTRACT

The objective of the article is to present experiences and activities accomplished by Academic League of Social and Community Psychology - LAÇO, its strengthen as a research and extension project and its approach to social reality of the county of Juiz de Fora. Laço, rules its performance in collective construction of its practices having as proposition a construction focused on emancipation and autonomy of the students. The discussion starts from the theoretical framework of Social and Community Psychology, through a critical perspective, reflected in the presented actions developed by the league. Through an experience report, will be approached the movements of the academic league - Laço towards the approximation of the public power, the social movements of the city and its strengthening inside the educational institution itself, being possible, therefore, to reflect on the ethical-political commitment of the formation in psychology, based on the importance of the bridge between academy, community, and public politics.

Keywords: Social and Community Psychology. Academic league. Extension. Emancipation.

1 INTRODUÇÃO

A construção das práticas de extensão no ensino superior se dá em meio a movimentos institucionais, coletivos, pessoais e comunitários. Pensar a prática extensionista no ensino superior no Brasil é também pensar deslocamentos necessários a serem feitos pela produção acadêmica, em direção à sociedade e à realidade social que a circunda. Enquanto área, parte-se neste artigo da noção de que a extensão universitária caracteriza-se como modo de socialização do conhecimento e diálogo com a sociedade, entendendo portanto, o conhecimento como cultural, público e, que deve dedicar-se à compreender e atuar em favor da vida (SOUZA, 2011).

Inserida neste cenário, a Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária (LAÇO), surge como uma proposta de projeto de extensão no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Assim, trilha caminhos nos últimos três anos, que a levaram a expandir suas fronteiras enquanto projeto, ganhando contornos de um movimento coletivo de estudantes, preocupado justamente com a ruptura de limites acadêmicos que distanciam a formação em Psicologia dos contextos que forjam a produção objetiva e subjetiva da vida.

Nesta entoada, a Laço, que se organiza enquanto liga acadêmica composta por estudantes e que tem como base a perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Social e Comunitária, pauta suas ações em um posicionamento ético e político de construção do conhecimento e das suas práticas junto à população. Portanto, busca contribuir para a constituição de uma Psicologia crítica e comprometida com a realidade social, compreendendo os aspectos históricos, culturais e políticos que atravessam a formação do/a estudante de Psicologia, baseando-se no tripé de ensino, pesquisa e extensão.

Intentando apresentar o trabalho da Laço e seu fortalecimento através das práticas de extensão, o presente artigo se dedicará a compreender alguns dos desdobramentos das ações realizadas pela liga no ano de 2019, buscando problematizar os efeitos destas nos âmbitos institucional, acadêmico e comunitário. Para tanto, em um primeiro momento discutirá os impactos do fortalecimento da perspectiva crítica sobre a Psicologia Social na formação acadêmica, compreendendo as fissuras geradas por este movimento. Posteriormente, serão apresentadas, a partir da metodologia de relato de experiência, as práticas da Laço

na relação com o setor público, na aproximação com movimento sociais e com a própria instituição de ensino.

Com isso, pretende-se fomentar uma discussão que aponte para a necessidade de se (re)pensar processos de formação no ensino superior, mediados pela extensão universitária. Assim, devem ser valorizadas as ações que pautem a promoção da autonomia de estudantes, além da reflexão ética sobre o que se produz com o saber/fazer das especialidades.

2 PSICOLOGIA SOCIAL, SUA APROXIMAÇÃO COM A REALIDADE E POSSÍVEIS TRANSFORMAÇÕES

A profissão de psicólogo, no Brasil, foi regulamentada no ano de 1962, poucos anos antes do Golpe Militar que condenou o país a anos de ditadura. Devido ao momento histórico, as práticas psicológicas se consolidaram sob forte influência de práticas de repressão política e patrulhamento ideológico, o que culminou em abordagens da Psicologia individualistas, descontextualizadas e apoiadas em modelos abstratos de seres humanos (SCARPARO & GUARESCHI, 2007).

Desse modo, a formação em Psicologia, assim como sua produção de conhecimento, esteve, por muito tempo, comprometida com a reprodução de modelos e práticas acríticas, distantes da realidade social brasileira, mantendo o exercício profissional aquém das demandas concretas da sociedade, ainda submetido às heranças adaptacionistas, de forma que as práticas da Psicologia favoreciam espaços de exclusão social, de normatização e ajustamento das pessoas (LIMA *et al*, 2019; SCARPARO & GUARESCHI, 2007). Entretanto, este modelo positivista de saber/fazer científico, que perde a humanidade em nome da objetividade e da neutralidade (LANE, 1984), têm sido discutido e superado, aos poucos, a partir de propostas de historicização e contextualização dos saberes psi, aproximando-os, assim, da conjuntura sócio-cultural do país.

Esta discussão, acerca da aproximação da Psicologia Social da comunidade, atravessa, necessariamente, a transformação da formação acadêmica, uma vez que a atividade teórica não deve ser entendida como uma prática em si mesma, mas deve ser indissociada da práxis cotidiana, orientada, portanto, para a transformação social e emancipação humana (LIMA *et al*, 2019). Nesse sentido, as práticas de extensão se constituem como uma atividade que fomenta a reflexão crítica sobre a

realidade, pois possibilita uma relação direta com as demandas emergentes da sociedade, dando sentido à prática universitária. As atividades de extensão podem caminhar no sentido de produzir novos saberes e práticas, voltados ao pensamento crítico e a transformação social, assim como podem servir de subsídio para o desenvolvimento de novas pesquisas e práticas de ensino, comprometidas com as questões sociais e as reais demandas da sociedade (PEREIRA, 2013; XIMENES *et al.* 2007).

Considerando este cenário, o movimento acadêmico que culminou com a criação da Laço surgiu a partir da necessidade de se refletir de forma crítica, sobre o saber/fazer da Psicologia que esteve por muito tempo míope à realidade social (MARTÍN-BARÓ, 1996). Esse distanciamento é construído por diversos fatores, inclusive, pela própria formação acadêmica e suas bases universalizantes, que negligenciava o contexto sócio-cultural, além de desenvolver atividades de caráter pontual e emergencial, não atuando efetivamente nos problemas sociais, contribuindo para uma relação de dependência entre a comunidade e a academia (XIMENES *et al.* 2007).

A práxis da Laço, enquanto projeto de extensão, vêm demonstrando a indissociabilidade entre pesquisa, prática e reflexão, propondo ações que fomentem o diálogo entre os pilares da educação e estejam alinhados com o compromisso de transformação social (LIMA *et al.*, 2019). Tais práticas criam condições de possibilidade para se pensar uma formação que paute a emancipação e autonomia dos discentes, promovendo o reconhecimento dos processos alienantes que estão tanto na instituição, quanto na sociedade.

Além disso, as ações desenvolvidas pela liga possibilitam o reconhecimento do caráter ativo dos seres humanos como produtores da história, especialmente aqueles que encontram-se no ensino superior e que podem produzir outros modos de saber/fazer. Esta empreitada se direciona no sentido de propiciar o (re)conhecimento da realidade, impulsionando para uma prática comprometida com a transformação possível do cenário social (NEPOMUCENO, 2008; XIMENES *et al.* 2007).

3 MÉTODO

No presente relato de experiência, a atuação da Laço será apresentada em formato de discussão de seus possíveis efeitos institucionais, especialmente os relacionados às suas práticas na instituição de ensino, na parceria com o setor público e na aproximação com movimentos sociais da cidade de Juiz de Fora. Compreendendo a existência da liga acadêmica como prática extensionista pautada em metodologias participativas (SPINK, 2008), entende-se a atuação dos/as estudantes como possibilidade de potencializar a formação acadêmica, aliando produção do conhecimento, ao ato de aproximação e transformação possível das realidades que se apresentam no entorno.

Inspiradas nas práticas da Psicologia Social e Comunitária, as metodologias adotadas pela Laço seguem um horizonte formativo que almeja fomentar modos de conscientização, criando condições para se pensar o mundo dialeticamente (MARTIN-BARÓ, 1989). Assim, ancora suas reflexões em processos que fomentam relações horizontalizadas e democráticas, aprimorando trabalhos de extensão com interface em pesquisa.

As atividades da Laço perpassam movimentos que ocupam espaços internos e externos à instituição de ensino. Tais movimentos configuram-se como ações realizadas dentro da academia, que viabilizam desde reuniões e grupos de estudo com os membros da liga, até a efetivação de expressões estéticas, artísticas e participação nos seminários por meio de rodas de conversas. As atividades versam sobre temas comprometidos com as realidades sociais, visando romper com determinado sistema de opressão, auxiliando na conscientização, na emancipação e no fortalecimento dos sujeitos (MARTÍN-BARÓ, 1998).

O diálogo e a construção coletiva são princípios orientadores da prática da Laço e os encontros entre os membros da liga acontecem semanalmente, no formato de grupo de estudos e/ou visitas de convidados/as; e no formato de assembleias, onde as ações e intervenções da liga são planejadas, construídas e discutidas coletivamente. O grupo de estudos tem como objetivo o aprofundamento teórico e crítico dos discentes na perspectiva na Psicologia Sócio-comunitária, buscando favorecer reflexões e práticas discutidas em assembleias e o olhar crítico, questionador e dialógico, frente ao estudo. Como afirma Silvia Lane (2002), é preciso manter o exercício de se pensar de forma dialética a todo momento, pois esse pensamento estabelece própria ligação entre o indivíduo, a sociedade e suas instituições (LANE, 2002).

As assembleias se constituem como um espaço de encontro, que conforme destaca Sawaia (2014), torna-se produtor de potência criativa, possibilitando a troca, a construção e a execução de ideias e projetos da Liga. Nestes encontros, estudantes membros da liga têm a oportunidade de discutir e elaborar novas ações e intervenções, muitas vezes, a partir de demandas vindas dos mais diversos setores, como da própria gestão municipal das políticas públicas. Este modo, por si só, já se configura como um processo formativo que fomenta a politização das ações acadêmicas, priorizando o posicionamento crítico frente às atuações pensadas. Além disso, algumas parcerias têm sido construídas com coletivos e movimentos sociais da cidade. Através dessa atuação cada vez mais aproximada da realidade, a Laço vêm conquistando espaço, se constituindo, muitas vezes, como um território de encontro entre a academia, o poder público e movimentos sociais que atuam no município, dando assim, sentido à prática universitária através da intersecção entre a produção de conhecimento e a sociedade (PEREIRA, 2013).

4 DISCUSSÃO

No espaço da sala de aula, muitas vezes, a construção do conhecimento ocorre a partir de uma relação sustentada em hierarquias, em que as potencialidades e a criatividade dos estudantes não necessariamente são estimuladas. A Laço, enquanto um projeto de extensão que ultrapassa os limites de sala de aula, tem possibilitado a construção de um espaço que supera tal lógica, oportunizando o desenvolvimento de relações horizontais, nas quais a construção do conhecimento se dá de forma coletiva, fomentando a participação e autonomia do grupo. Além disso, a consolidação da Laço e o progressivo engajamento dos integrantes nas discussões propostas pelo coletivo, repercute de forma positiva nos membros do grupo e na instituição, percebidos por um processo formativo promovido pela participação ativa, criativa e transformadora do coletivo de estudantes; do maior posicionamento destes frente aos debates; pelas problematizações de sistemas hegemônicos adaptacionistas e possibilidades de novas configurações do saber; assim como a valorização do pensamento crítico e embasamento teórico, frente a pesquisa e a extensão. Em conjunto as ações da Laço, as parcerias realizadas com o setor público, movimentos sociais, entre outros grupos, têm possibilitado um encontro entre a academia, o poder público, grupos e

sociedade civil que atuam no município, promovendo, assim, o diálogo, a troca e a construção coletiva de propostas efetivas para a transformação da realidade da cidade. A prática da Laço vêm se configurando, portanto, tendo como principal ferramenta o potencial mobilizador do afeto, enquanto agente transformador.

4.1 Sobre aproximações e parcerias: a Laço e sua relação com o poder público, movimentos sociais e com a própria instituição de ensino

Em meio a expansão das políticas públicas no Brasil, sabe-se que as práticas assistencialistas ainda se fazem presentes nas esferas privadas e públicas. Deste modo, reproduzem-se lógicas antagonistas ao protagonismo e emancipação do sujeito em seu dado contexto histórico e cultural, muitas vezes, corroborando com a violação de direitos de pessoas em situação de risco pessoal ou social (SANTANA & AVANZO, 2014). Considerando este cenário, a parceria da Laço com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Juiz de Fora, por meio da Proteção Social Especial, se fez profícua e estratégica, possibilitando a ampliação das ações acadêmicas, junto ao setor público. As atividades se dão por meio de intervenções em Unidades de Acolhimento Institucional de crianças e adolescentes, que encontram-se sob tutela do Estado. Tais instituições estão vinculadas à proteção social especial, do Sistema Único de Assistência Social. As ações têm sempre, como horizonte, o compromisso ético e político com o questionamento das desigualdades sociais e ruptura com processos de opressão social.

No tocante à metodologia, os encontros foram desenvolvidos em meio a atividades que promovessem a aproximação da Liga com os(as) jovens moradores das casas de Acolhimento Institucional, possibilitando a construção de uma relação de confiança para as ações seguintes. Os demais encontros envolveram jogos lúdicos, brincadeiras e posteriores reflexões dialógicas sobre as práticas realizadas em conjunto, de forma ativa. Cada visita às unidades de acolhimento e as atividades exercidas foram planejadas de acordo com a percepção das estudantes sobre o contexto e situações ocorridas, identificação de demandas, respaldo teórico e supervisão profissional.

A atuação junto à proteção social especial, possibilitou o reconhecimento de demandas institucionais e profissionais fomentando o debate sobre a fragilidade da formação continuada dos profissionais para o trabalho singular realizado nos

Acolhimentos Institucionais. Ao observar tal demanda, foram realizadas problematizações e reflexões com a equipe da Liga sobre o caso, chegando ao consenso acerca da relevância de se entender, estudar e dialogar sobre a estrutura em que as instituições de acolhimento estão inseridas, abordando dimensões micro e macropolíticas, sendo também necessária a identificação das falhas nas políticas públicas em relação a um efetivo cuidado com esse campo.

Essa atuação abriu espaço para que a Liga pudesse atuar junto à supervisão das unidades de acolhimento, oportunizando encontros quinzenais com representantes das equipes técnicas, bem como a supervisora destes. Tal relação tem gerado efeitos positivos para os envolvidos, viabilizando um lugar para a liga acadêmica como promotora de questionamentos junto às políticas públicas, assim como a aproximação do saber acadêmico para com a realidade social. Tendo o diálogo, a produção coletiva e a troca de percepções como pilares para possibilidades de ações e parcerias, que estejam engajadas no compromisso ético-político em suas práticas.

Destarte, o vínculo estabelecido com o setor público também proporcionou a minudência sobre as formas de operação das práticas de cuidado e proteção infanto-juvenis, traçando necessárias reflexões dialógicas com e sobre estes. Questionando e resistindo a possíveis “artimanhas da exclusão” conceituadas por Sawaia (2017), sendo estes processos de inclusão perversa vivenciadas na atual sociedade capitalista, que tem viabilizado ideais neoliberais assistencialistas, silenciadores, alienadores e de controle social (SAWAIA, 2017). Outra frente de atuação foi fomentada pela Laço no ano de 2019. Como modo de fortalecimento crítico e crescimento das pautas de participação política, a aproximação junto a coletivos formados por jovens deu-se como uma forma de ampliação da inserção da liga acadêmica nas camadas da sociedade.

Sabe-se que para o olhar da Psicologia Social é necessário enxergar a inseparabilidade da pesquisa, prática e reflexão (LIMA et al, 2019). Destarte, tomando esse pressuposto como base, após uma demanda levantada por meio de estudos realizados no grupo, a Laço compreendeu a necessidade de proporcionar um espaço de encontro e troca que visasse, como ponto central, a aproximação das práticas de coletivos que discutem e refletem, muitas vezes através da arte, questões sociais e políticas, principalmente relacionadas a grupos de minorias de direitos da cidade de Juiz de Fora.

Concomitante a esse processo, surge o evento intitulado “Psicologia para que(m)? Encontros de práticas e coletivos” que abordou de forma crítica as temáticas relacionadas aos marcadores sociais, em uma perspectiva interseccional, ou seja, que problematiza as distintas posições e marcas sociais que se constituem de forma articulada, tais como as condições de classe, raça, gênero, território, entre outros (ZAMBONI, 2014). A partir disso, foi possível compreender esse momento como um movimento de reflexão dos processos alienantes que estão presentes não só na sociedade, mas também nas instituições acadêmicas, pautando a necessária aproximação da psicologia, das bases de constituição da sociedade, assim como dos processos de participação social.

O evento acabou afetando de forma produtiva muitos membros da liga e, como consequência disso, ocorreu a necessidade de realizar uma segunda edição do “Psicologia para que(m)?”, dessa vez vinculando a temática aos coletivos e movimentos sociais formados pela juventude de Juiz de Fora. Conforme argumenta Melucci:

Movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática (MELUCCI, 1967. p.41).

Diante disso, é importante ressaltar que estamos inseridos em uma sociedade que é construída pela ação humana. Em uma perspectiva contemporânea, tudo que é produzido materialmente, é transformado em produção de signos e formação das relações sociais (MELUCCI, 2007). Logo, o contato com a juventude e seus movimentos se torna cada vez mais importante, na medida em que os processos propostos por ela estão diretamente vinculados às transformações e formação de modelos culturais.

No tocante à metodologia, com a demanda cada vez mais imprescindível de aproximar a instituição acadêmica da realidade social, da dinâmica e da história da juventude da cidade, a Laço, convidou alguns coletivos para as reuniões do grupo, com o objetivo de escuta da demanda de cada movimento, para que diante disso, firmasse uma aproximação e a formação em conjunto do encontro de práticas. No entanto, após algumas reuniões, foi pontuada uma necessidade tanto da Laço, quanto dos coletivos, de que esses encontros se realizarem na dinâmica de cada

movimento, ou seja, que houvesse também um deslocamento da instituição acadêmica até a base de cada coletivo, para que dessa forma, a aproximação da realidade se solidificasse em uma perspectiva reflexiva da formação da estrutura de cada grupo e de cada prática proposta por eles.

Dessa forma, através desses encontros e reuniões, a Laço pôde se aproximar e conhecer melhor as práticas transformadoras desses coletivos e movimentos sociais do município, que buscam, antes de tudo, refletir e criar formas de (re)existência social e política para os grupos que representam. Tal processo foi fundamental para a Liga, promovendo um fortalecimento das parcerias para além da instituição de ensino e intensificando as metodologias de construção coletiva para (e com) os/as jovens. Além disso, constituiu-se como uma oportunidade de se repensar e reavaliar as formas como se dão os encontros entre academia e sociedade, diante de alguns desafios insurgentes no desenrolar dessa aproximação.

As diversas formas de afetar a partir do campo, e a partir da extensão foram ressaltadas e, para elucidar os impactos de tais afetações, coloca-se a importância da extensão e de seu fortalecimento para a produção de novas práticas libertadoras, especialmente no ensino superior. De acordo com Rey (2001) são fortes as conexões entre a extensão e seus projetos e a produção de subjetividades, impactando olhares e formas de saber/fazer. Este ponto corrobora a relevância da Liga enquanto prática de extensão, compreendendo a extensão universitária como forma de “influenciar mudanças na teoria, a metodologia e as práticas educativas” (REY, 2001, p.1).

Com fortes associações entre a pesquisa e as temáticas atuais, observa-se que durante o tempo de existência da Laço, os estudantes envolvidos nesta demonstraram-se afetados em suas práticas acadêmicas. Conforme coloca Sawaia (2009) ao citar Espinosa (1957), os afetos e emoções fazem parte da construção de um processo de liberdade, e como tal, uma psicologia para a liberdade.

Enquanto projeto e práticas da pesquisa e extensão, mediados por uma ótica participativa (SPINK, 2008), as ações realizadas na instituição de ensino superior encontram efeitos ampliados, cujos limites são dificilmente descritíveis. Contudo, acredita-se em uma transformação que se dá em ato, no cotidiano de formação e fortalecimento das discussões, especialmente considerando uma realidade de ensino privado, acessado marcadamente por uma população branca e com perspectivas teóricas, quase sempre, orientadas por um referencial norte-americano

e europeu. Neste sentido, a psicologia social de base latino americana compromete-se com uma prática localizada em seu discurso (GUZZO; LACERDA JR, 2009). Para tal, é necessário pautar uma psicologia política e posicionada, que segundo Spink (2008), demonstra convicção ética. Faz parte do compromisso da Psicologia Social e Comunitária questionar-se enquanto prática, pesquisa e extensão, enquanto produção de conhecimento, enfatizando a necessidade de uma psicologia com responsabilidade e ética, como trabalhado por Spink (2008).

As transformações da realidade social e do discurso científico, refletem e implicam na responsabilidade pelas práticas capacitadoras (HARAWAY, 1995), sendo fortalecedoras dos espaços coletivos e de reflexão. A Laço compromete-se, portanto, com a responsabilidade social e com o diálogo entre academia e campo de atuação, sendo esta associação vista como um fortalecimento da coletividade.

A partir dos movimentos de horizontalidade nas relações aluno-professor e extensão-aluno, a Liga Acadêmica de Psicologia Social e Psicologia Comunitária, compromete-se com a realidade social. Compreendendo tal como pontua Lane (1994) que a realidade é transformada pelo sujeito que se insere nela, da mesma forma que o conhecimento e a prática profissional são indissociáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as discussões levantadas neste artigo, percebe-se a necessidade de uma atuação da psicologia social e comunitária que se comprometa com o aprofundamento dos debates, que supere o tecnicismo e complexifique a visão sobre as distintas existências. Isto, entendendo as dinâmicas institucionais, estruturais e governamentais que produzem as possibilidades, ou não, de exercício do cuidado e da cidadania.

Deste modo, as ações da Liga acadêmica contribuem para o fortalecimento da formação discente em níveis teóricos e práticos, principalmente pelo processo formativo promovido pela participação ativa, criativa e transformadora em meio ao coletivo de estudantes e seus processos de gestão. Isto pois, pauta em seus desdobramentos, de forma contínua e transversal, a interlocução entre a academia e o comprometimento com a realidade social. A Laço busca não perder de vista a concepção de que o sujeito afeta e é afetado pelo encontro coletivo, bem como sua história, discursos, cultura e política.

A cada passo, é perceptível a transformação mediada pelo afeto na trajetória do projeto de extensão, produzindo autonomia e protagonismo coletivo por meio do fortalecimento do diálogo, da troca, da formação ética, crítica e política de cada estudante. Como aponta Martin Baró (1996), ao salientar sobre uma Psicologia da Libertação que tenha como primórdio, a libertação da própria psicologia. Sabe-se que esse processo não é simples e ainda se tem muito a caminhar, mas quando se faz de forma coletiva, ele se fortalece, resiste e se torna uma potência para a emancipação social.

REFERÊNCIAS

GUZZO, Raquel; LACERDA JR, Fernando. Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação. Campinas: Editora Alínea, 2009.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, 1995, p. 7-41.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. A dialética da subjetividade versus objetividade. **Por uma epistemologia da subjetividade**: Um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais, p. 11-17, 2002.

LANE, S. **Psicologia Social**: O homem em movimento, São Paulo, Brasiliense, 1994.

LIMA, Aluísio Ferreira de; *et al.* Psicologia social como psicologia política?: A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. **Revista Psicologia Política**, v. 9, n. 18, p. 223-236, 2009.

MARTÍN-BARÓ, I. O papel do psicólogo. **Estudos em Psicologia**. v. 2, n. 1, 1996, p.7-27.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Juventude e contemporaneidade**, p. 29, 2007.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa et al. Por uma psicologia comunitária como práxis de libertação. **Psico**, v. 39, n. 4, p. 1, 2008.

PEREIRA, Angelina Pandita. Ensino de Psicologia em Escolas Técnicas de Nível Médio: Por quê? Para quê? Para quem. **Licenciatura em Psicologia**: temas atuais, p. 95-113, 2013.

REY, Fernando Luis González. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. *Psicologia da Educação*. **Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação**. N13, maio 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/32815>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

SANTANA, Juliana Prates; AVANZO, Janaina Rocha. **Infância e direitos**: o uso de metodologias participativas em contexto de acolhimento institucional. *Rev. Subj.*, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 306-318, ago. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S235907692014000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Editora Vozes Limitada, 2017.

_____, Bader. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia e Sociedade**. PUC: São Paulo, 2009, p. 364-372.

_____, Bader. Transformação social: um objeto pertinente à Psicologia Social? **Psicologia e Sociedade**. Belo Horizonte, 2014, v. 26, n. spe2, p. 4-17. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000600002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 dez. 2019.

SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Psicologia social comunitária e formação profissional. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 100-108, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3093/309326391024.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2019

SOUZA, Sônia. **Juventude, pesquisa e extensão**: interfaces, diálogos e possibilidades. In: DAYRELL, J; MOREIRA, M; STENGEL, M (orgs). *Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, p. 70-77, 2008.

XIMENES, V. M. et al.. Cooperação Universitária: uma prática comunitária/libertadora a partir da Psicologia Comunitária. A. Cordeiro, EM Vieira & V. M. Ximenes (Orgs), IN: **PSICOLOGIA E(M) TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: práticas e diálogos**. Coleção Extensão Universitária/UFC. Fortaleza: Aquarela, v. 1000, p. 16-38, 2007.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, São Paulo, v. 1, p. 14-18, 2014.